

INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM AFRICANA NO ESPANHOL COLONIAL

Grazielle Moreira Nazário Alves (grazielenazario@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

A história da língua espanhola na América Latina é inseparável do complexo processo de colonização, que envolveu o encontro forçado de povos europeus, indígenas e africanos. A chegada de milhões de africanos escravizados, a partir do século XVI, estabeleceu um contato linguístico e cultural que teve impacto duradouro na formação do espanhol falado no continente. Longe de se tratar de uma mera imposição da língua dominante, esse processo resultou em um intercâmbio dinâmico, no qual línguas africanas, especialmente de origem banto e iorubá, deixaram marcas perceptíveis no léxico, na fonologia e até mesmo em aspectos sintáticos de variedades regionais do espanhol (Lipski, 2005). Entretanto, a presença africana, por muito tempo marginalizada nos estudos linguísticos, tem sido recentemente resgatada por uma perspectiva decolonial que busca reconhecer as contribuições dos povos subalternizados e compreender a linguagem como espaço de resistência cultural e de construção de novas identidades (Mignolo, 2003).

Um dos aportes mais evidentes dessa herança africana é o léxico. Diversas palavras de uso cotidiano em países caribenhos e sul-americanos possuem origem africana, sobretudo banto, como *mondongo*, *mucama*, *malanga*, *candela* e *cumbé*, que permanecem vivas no espanhol popular (Lipski, 1994).

Além da alimentação e da música, o campo religioso também revela influências significativas: termos como orisha, babalao e aché foram incorporados ao espanhol cubano e venezuelano por meio das práticas de matriz iorubá, funcionando não apenas como elementos lexicais, mas como símbolos de resistência cultural e de preservação identitária (Mintz; Price, 2003).

As influências africanas, contudo, não se restringiram ao vocabulário. A fonologia do espanhol também apresenta marcas dessa presença, especialmente em regiões com forte concentração de africanos escravizados. Fenômenos como a redução do /s/ em final de sílaba, a aspiração do /j/ e a alternância entre /r/ e /l/ são frequentemente associados a padrões fonológicos herdados de línguas africanas. Embora tais traços possam ocorrer em outras variedades do espanhol, a frequência e a regularidade com que aparecem em zonas afrodescendentes reforçam a hipótese de influência africana (Schwegler, 2010). O contato prolongado em contextos de plantação, mineração e vida urbana contribuiu ainda para processos de pidginização e crioulização, que deixaram marcas duradouras na fala popular de países como Cuba, República Dominicana, Colômbia e Venezuela (Meggeney, 1999).

Mais do que uma contribuição linguística, a presença africana na língua espanhola possui relevância social e cultural, pois a linguagem funcionou como espaço de negociação de identidades, preservação de memórias e expressão da criatividade popular. Expressões culturais afrodescendentes, como a rumba cubana, a cumbia colombiana e os tambores venezuelanos, estão intrinsecamente ligadas ao léxico e às sonoridades herdadas da África, evidenciando que língua e cultura não podem ser dissociadas (Wade, 1997). Dessa forma, estudar a influência africana no espanhol não significa apenas identificar palavras emprestadas, mas reconhecer o papel ativo das populações negras na formação das sociedades latino-americanas. Como defende Mignolo (2003), adotar uma perspectiva decolonial é fundamental para questionar narrativas eurocêntricas e legitimar epistemologias que foram historicamente silenciadas.

O capítulo está organizado em cinco seções. Na Seção 2 (Metodologia), são apresentados o tipo de pesquisa, a abordagem e as técnicas utilizadas para a análise. A Seção 3 (Fundamentação Teórica) aprofunda o contexto histórico do tráfico atlântico, as relações entre colonizadores, indígenas e africanos e descreve as línguas africanas presentes nas colônias espanholas. Em seguida, a Seção 4 (Resultados e Discussão) explora de forma detalhada as influências africanas no espanhol colonial, incluindo aspectos lexicais, fonológicos,

sintáticos e de oralidade. Por fim, a Seção 5 (Considerações Finais) retoma os principais achados, ressaltando a importância de reconhecer o legado africano como parte indissociável da identidade linguística latino-americana.

Conseqüentemente, a presença afrodescendente deixou marcas profundas e duradouras no espanhol falado na América Latina, seja no léxico cotidiano, nas modificações fonológicas ou no imaginário cultural. Reconhecer tais contribuições é, ao mesmo tempo, um exercício de valorização da pluralidade linguística do continente e uma forma de reparação histórica diante da invisibilização da experiência negra. Mais do que um fenômeno linguístico, a influência africana no espanhol constitui um testemunho de resistência, resiliência e criação cultural, afirmando-se como parte indissociável da identidade latino-americana.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa apresentada é de caráter bibliográfico e documental, centrada na análise de textos históricos, linguísticos e literários que abordam o espanhol colonial e a presença africana nas Américas. O estudo se fundamenta em obras de referência de linguística histórica, sociolinguística e afro-hispanismo, bem como em registros literários e relatos históricos que documentam a fala, a oralidade e os elementos culturais das comunidades afrodescendentes durante o período colonial. A escolha desse tipo de pesquisa se justifica pela necessidade de compreender processos históricos e linguísticos que não podem ser diretamente observados, demandando análise crítica de fontes secundárias e documentação histórica (Lakatos; Marconi, 2017).

2.2 Tipo de Abordagem

A abordagem adotada é qualitativa, voltada para a compreensão das relações entre língua, cultura e poder social no contexto colonial. O estudo busca identificar e interpretar os traços africanos no espanhol falado nas Américas, explorando aspectos lexicais, fonéticos, prosódicos, sintáticos e morfológicos, bem como manifestações culturais relacionadas à oralidade, música, poesia e narrativa popular. A ênfase qualitativa permite analisar não apenas a presença

de elementos africanos na língua, mas também o significado social, cultural e histórico dessa influência.

2.3 Tipo de Procedimentos

Os procedimentos adotados incluem revisão sistemática da literatura, conforme metodologias propostas por Lakatos e Marconi (2017), que enfatizam a importância de organizar, comparar e interpretar dados coletados em fontes variadas. Foram selecionadas obras clássicas e contemporâneas sobre afro-hispanismo, linguística colonial e cultura popular, incluindo autores como Ortiz (1993), Lipski (2005), López Morales (1992), Mendonça (1935) e Petter (2005). Também foram examinados textos literários coloniais, como crônicas, contos e narrativas orais, que registram o uso da língua pelos africanos e seus descendentes. A análise envolveu a identificação de padrões lexicais e fonéticos, bem como a observação de estruturas sintáticas e morfológicas influenciadas por línguas africanas. Além disso, foram consideradas evidências de transmissão cultural, como música, poesia e oralidade, que complementam a compreensão do impacto africano no espanhol colonial.

2.4 Tipo de Técnicas de análise

Foram utilizadas técnicas de análise de conteúdo e análise crítica do discurso, com o objetivo de sistematizar e interpretar os dados linguísticos e culturais coletados. A análise de conteúdo permitiu organizar os elementos lexicais, fonéticos e morfológicos em categorias temáticas, como alimentação, rituais, oralidade e expressões populares. A análise crítica do discurso possibilitou compreender como essas características linguísticas se articulam a relações de poder, resistência cultural e construção de identidade das comunidades afrodescendentes. A combinação dessas técnicas garantiu uma interpretação profunda e contextualizada do material pesquisado.

2.5 Tipo de Contexto

O estudo situa-se no contexto histórico e sociocultural das colônias espanholas nas Américas, abrangendo áreas como o Caribe, a América Central e partes da América do Sul. O foco está na interação entre colonizadores europeus, populações africanas escravizadas e comunidades indígenas, considerando o

impacto desse contato na formação do espanhol colonial e nas manifestações culturais afrodescendentes. O recorte temporal abrange, principalmente, os séculos XVI a XIX, período de intensa migração forçada africana e consolidação das estruturas coloniais.

2.6 Tipo de Limitações

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se a dependência de fontes secundárias, já que o estudo não envolve observação direta de falantes históricos, e sim análise de registros escritos e literários. Além disso, as interpretações podem ser influenciadas por vieses presentes nos registros coloniais, que muitas vezes representavam a fala africana de maneira estereotipada ou pejorativa. Apesar dessas limitações, o estudo busca reconstruir de forma crítica e fundamentada o impacto africano no espanhol colonial e nas tradições culturais afro-hispânicas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. O Tráfico Atlântico de Escravizados e sua Distribuição Geográfica nas Colônias Espanholas

O Tráfico Atlântico de Escravizados para a América Espanhola foi um processo complexo e desigual, crucial para o desenvolvimento das colônias. Embora a historiografia frequentemente associe o comércio de escravos ao Brasil e ao Caribe britânico, o domínio espanhol também recebeu milhões de africanos, cuja vida e trabalho moldaram profundamente a demografia e a sociedade. A chegada desses indivíduos começou no século XVI, impulsionada pela alta mortalidade da população indígena. Os espanhóis, buscando uma nova fonte de mão de obra para suas minas e plantações, voltaram-se para o tráfico. Inicialmente, o foco foi a ilha de Hispaniola, mas o comércio se expandiu rapidamente para outras regiões de importância econômica.

A distribuição desses indivíduos não foi uniforme, concentrando-se em áreas de grande valor para a metrópole. O Vice-Reino de Nova Espanha (México e América Central) recebeu um número significativo de escravizados, que foram empregados principalmente nas minas de prata de Zacatecas e Guanajuato, na agricultura e nos centros urbanos. A Cidade do México se destacou como um

importante polo de comércio e uso dessa mão de obra. “A maioria dos africanos na Nova Espanha foi empregada nas minas de prata de Zacatecas e Guanajuato, nas propriedades agrícolas de subsistência e nos centros urbanos. A Cidade do México se tornou um importante polo de comércio e uso de mão de obra escravizada, onde os africanos trabalhavam como artesãos, serviçais e em outras atividades urbanas” (Palmer, 2014, p. 112). No Vice-Reino do Peru, a situação era similar. Embora a mão de obra indígena fosse majoritária, os africanos foram essenciais. Eles foram empregados nas plantações de cana-de-açúcar na costa, em atividades portuárias em Lima e Callao, e nas minas de prata de Potosí. “A presença africana no Peru não se limitou ao trabalho nas minas; eles foram fundamentais para a economia agrícola e urbana do vice-reino” (Klein & Vinson, 2007, p. 74). No entanto, a principal região de destino do tráfico foi o Caribe, em particular Cuba. A ascensão da indústria açucareira cubana a partir do século XVIII transformou a ilha no maior importador de africanos escravizados da América Espanhola, superando o número de todos os outros territórios espanhóis combinados.

A Coroa Espanhola controlou esse comércio por meio de asientos, contratos que garantiam monopólios a companhias estrangeiras. Essa política direcionou os fluxos para portos estratégicos, como Cartagena de Indias (atual Colômbia), que se tornou o principal ponto de entrada e redistribuição para as colônias sul-americanas. Em suma, a mão de obra africana foi crucial para a sustentação das economias coloniais espanholas, deixando uma marca duradoura na cultura, na demografia e na história de todo o continente.

3.2. Relações Entre Colonizadores, Indígenas e Africanos: Contextos de Contato Linguístico.

O processo de colonização das Américas estabeleceu uma dinâmica social e econômica que moldou profundamente a paisagem linguística do continente. O encontro entre europeus, indígenas e africanos não se limitou à dominação territorial, mas se refletiu em um complexo processo de contato, adaptação e resistência linguística. O primeiro grande desafio de comunicação surgiu com o contato entre colonizadores e as diversas nações indígenas. Para superar essa barreira e facilitar a exploração e a catequese, os europeus, em alguns casos, adotaram uma língua franca. No Brasil, por exemplo, os jesuítas criaram a Língua Geral a partir de uma forma simplificada do tupi. Essa língua se tornou

um "idioma comum" para evangelização e comércio (Ribeiro, 1995, P. 28). No entanto, essa estratégia, embora pragmática, serviu para suprimir outras línguas nativas, centralizando a comunicação sob o controle religioso e colonial, o que facilitou a assimilação cultural.

A chegada de milhões de africanos escravizados a partir do século XVI acrescentou uma nova e complexa camada à dinâmica linguística. Os africanos, falantes de centenas de línguas diferentes, foram misturados nas embarcações e nas lavouras para dificultar a comunicação e evitar revoltas. Essa opressão, no entanto, forçou o surgimento de novas formas de comunicação. Para se comunicarem entre si e com os colonos, os escravizados desenvolveram pidgins, línguas simplificadas que combinavam elementos das línguas africanas com o vocabulário europeu. Com o tempo, esses pidgins se desenvolveram em crioulos, que se tornaram a língua materna de gerações nascidas no Novo Mundo, especialmente nas Antilhas e em partes do Caribe. Os crioulos caribenhos de base espanhola, portuguesa, francesa e inglesa são o testemunho da capacidade dos africanos de recriar e adaptar a linguagem em um contexto de extrema violência (Klein; Vinson, 2007, p. 116).

No cotidiano das colônias, as interações linguísticas eram multifacetadas. A língua do colonizador — português, espanhol — era a língua da autoridade, do comércio e do status social. Indígenas e africanos frequentemente se esforçavam para aprendê-la, pois isso poderia significar uma pequena melhoria em suas condições de vida. Por outro lado, as línguas africanas e indígenas eram usadas em segredo, funcionando como códigos de resistência e formas de preservar a identidade cultural. A própria fonética e o vocabulário das línguas colonizadoras foram inevitavelmente influenciados pelo contato. Palavras de origem africana, como "senzala", e de origem indígena, como "abacaxi", entraram definitivamente para o vocabulário, refletindo a íntima, embora desigual, convivência dos grupos. O contato entre colonizadores, indígenas e africanos foi um processo linguístico marcado pela imposição, necessidade e criatividade. A língua do colonizador se estabeleceu como dominante, mas nunca de forma absoluta. Ela foi permanentemente modificada pelas línguas e pela criatividade linguística dos outros grupos. Assim, a paisagem linguística das Américas é um reflexo direto de sua história de violência, exploração e de uma rica, porém complexa, miscigenação cultural.

3. 3. Línguas Africanas Presentes nas Colônias Espanholas

A presença de africanos nas colônias espanholas da América, especialmente no Caribe e na região do Rio da Prata, trouxe um significativo aporte linguístico que influenciou as línguas locais, como o espanhol. Segundo Petter (2005, p. 45), as línguas africanas mais representativas nesse contexto pertencem às famílias Níger-Congo, como o iorubá, o ewe-fon e o quimbundo. Essas línguas chegaram ao continente americano principalmente por meio do tráfico atlântico de escravizados, criando um mosaico linguístico em que diferentes sistemas fonológicos, morfológicos e lexicais se entrelaçavam com o espanhol colonial (Mendonça, 1935, p. 32).

Do ponto de vista fonológico, as línguas africanas apresentavam características que influenciaram a pronúncia do espanhol em regiões com maior concentração de africanos. Petter (2005, p. 48) destaca que o iorubá é notável pelo uso sistemático de três tons (alto, médio e baixo), conferindo musicalidade à língua e influenciando entonações do espanhol falado em áreas como Cuba e República Dominicana. Além disso, essas línguas possuíam fonemas ausentes no espanhol, como consoantes implosivas e africadas, incorporadas a nomes de pessoas, lugares e termos religiosos (Mendonça, 1935, p. 35).

A morfologia das línguas africanas também é relevante para compreender as transformações nas línguas coloniais. Segundo Petter (2005, p. 52), as línguas bantas apresentam um complexo sistema de classes nominais, em que prefixos indicam gênero, número ou aspectos semânticos, diferenciando-se do espanhol. O quimbundo, por exemplo, utiliza prefixos para distinguir substantivos animados de inanimados e plurais de singulares, prática que, adaptada ao contexto colonial, contribuiu para a formação de registros populares e de línguas crioulas (Mendonça, 1935, p. 38).

No léxico, a influência africana é perceptível em áreas relacionadas à religião, culinária, música e vida cotidiana. Palavras como “orixá”, “candombe” e “dendê” derivam do iorubá e do quimbundo e foram incorporadas ao espanhol colonial com significados mantidos ou adaptados (Petter, 2005, p. 55). Além disso, essas línguas contribuíram para a formação de línguas crioulas, combinando elementos africanos com a estrutura do espanhol, configurando um patrimônio

linguístico híbrido de grande relevância para a cultura das colônias (Mendonça, 1935, p. 40).

Dessa forma, a presença de línguas africanas nas colônias espanholas influenciou profundamente a fonologia, morfologia e léxico do espanhol colonial, deixando marcas duradouras nas variedades modernas da língua nas Américas. A análise dessas línguas permite compreender tanto o processo de aculturação e resistência dos africanos escravizados quanto a criação de novas formas linguísticas em contextos de intenso contato cultural (Petter, 2005; Mendonça, 1935).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A Influência Africana no Espanhol Colonial

A colonização da América pelas potências ibéricas, especialmente a Espanha, não se deu de maneira uniforme ou homogênea. Junto com os colonizadores europeus, uma grande população africana foi trazida à força para os territórios ultramarinos, em um processo que durou séculos e que configurou uma migração forçada de proporções históricas. Essa presença africana não impactou apenas a demografia e a cultura material das colônias, mas também deixou marcas profundas na linguagem, especialmente no espanhol colonial. O contato entre o espanhol e as diversas línguas africanas trazidas pelos escravizados resultou em mudanças significativas no léxico, na fonética, na prosódia, na morfologia, na sintaxe e na oralidade, gerando um espanhol colonial particular, híbrido e multifacetado (Petter, 2005, p. 45; Mendonça, 1935, p. 32).

O léxico é uma das áreas em que a influência africana é mais evidente. O fenômeno conhecido como africanismo lexical resultou na incorporação de um grande número de palavras de origem africana ao espanhol colonial, principalmente em campos ligados ao cotidiano, à culinária, à música, aos rituais religiosos e às práticas culturais. Palavras como “quimbombó” (quiabo), de origem quimbunda, se disseminaram pelo Caribe, sendo comuns em Cuba e República Dominicana. O termo “mofongo”, prato típico de Porto Rico, tem raízes no Congo e exemplifica como alimentos e pratos africanos foram

nomeados de acordo com a tradição linguística de seus produtores. A religião e os rituais afro-americanos também introduziram vocabulário específico. “Ñáñigo”, por exemplo, designa membros de sociedades secretas de origem africana em Cuba, enquanto “santería”, embora nomeada em espanhol, possui muitos termos derivados do iorubá e de outras línguas africanas, indicando práticas, objetos e conceitos espirituais (Ortiz, 1993, p. 76-81). Palavras do dia a dia, como “mucama” (criada ou serva), oriundas do quimbundo, demonstram que a influência africana permeava até o cotidiano mais corriqueiro. Segundo Ortiz (1993, p. 81), “a contribuição negra ao vocabulário hispanoamericano é considerável”, evidenciando a amplitude e a pervasividade do impacto africano no léxico do espanhol colonial.

Além do léxico, a fonética e a prosódia do espanhol colonial sofreram alterações significativas em virtude da influência africana. As línguas africanas, particularmente as bantas e da África Ocidental, apresentam padrões fonológicos distintos, incluindo a utilização de tons, a presença de consoantes implosivas e africadas, e estruturas silábicas diferentes do espanhol europeu. Esses traços fonológicos impactaram a pronúncia do espanhol, resultando em características como a simplificação de grupos consonantais e a elisão de consoantes finais. A queda do ‘s’ final, observada em palavras como “más” (pronunciado “má”) no espanhol caribenho, é um exemplo claro de influência africana, que, embora possa também aparecer em dialetos do sul da Espanha, se intensificou em contextos coloniais devido ao contato com línguas africanas (Petter, 2005, p. 48; Mendonça, 1935, p. 35). A prosódia também foi profundamente afetada. O ritmo da fala e a melodia das sílabas adquiriram características distintas, percebidas em regiões como o Caribe e a costa do Pacífico. López Morales (1992, p. 45) observa que “o espanhol dos negros e mestiços das colônias não era um espanhol puro, mas sim uma mistura, com ritmo e melodia que refletiam sua herança africana”, evidenciando como a musicalidade africana se incorporou à oralidade hispano-americana. Essa musicalidade pode ser percebida em ritmos e gêneros musicais como a salsa, o son cubano e a cumbia, que preservam cadências e entonações características da herança africana.

No que diz respeito à morfologia e à sintaxe, a influência africana se manifesta de forma mais sutil, mas não menos significativa. As línguas bantas e de outras regiões da África Ocidental possuem sistemas gramaticais distintos, com classes nominais, ausência de flexão de número em certos contextos e construções verbais específicas. Algumas variedades populares do espanhol

colonial apresentam simplificação de conjugação verbal e perda de concordância de número, fenômenos que podem ser atribuídos a padrões africanos. Por exemplo, a frase “ellos fueron a la casa” poderia, em contextos populares ou de contato linguístico, aparecer como “ellos fue a la casa”, demonstrando a adaptação da estrutura verbal (Lipski, 2005, p. 115). O uso do verbo “ser” em construções de reforço ou ênfase, como “él es que lo hizo”, também se relaciona a padrões de línguas africanas, que utilizam construções similares para enfatizar ações ou sujeitos. Esses traços, anteriormente interpretados como desvios gramaticais, são hoje reconhecidos como evidências de resistência e criatividade linguística, indicando que os africanos escravizados e seus descendentes moldaram o espanhol para expressar suas próprias realidades culturais e sociais.

A oralidade e as expressões idiomáticas constituem outro campo em que a presença africana é altamente significativa. O estilo narrativo performático, o uso de metáforas, comparações e provérbios, e a valorização da oralidade como meio de transmissão cultural, marcaram a comunicação cotidiana e literária das colônias. O “habla bozal”, representação literária da fala dos escravizados, embora estereotipada, é uma prova de que os escritores coloniais notaram diferenças de pronúncia e vocabulário, registrando-as para fins narrativos. Na música, esses traços também se consolidaram. O son cubano, o merengue dominicano e outros gêneros populares preservam ritmos, cadências e conteúdos líricos que refletem a fusão entre línguas africanas e o espanhol, demonstrando a vitalidade da herança africana nas práticas culturais e linguísticas (Ortiz, 1993, p. 81; López Morales, 1992, p. 45).

A influência africana sobre o espanhol colonial é ampla e multifacetada. Desde a incorporação de vocábulos específicos, passando por alterações fonéticas e prosódicas, até mudanças sutis na morfologia, na sintaxe e na oralidade, a presença africana configurou um espanhol híbrido, diverso e em constante transformação. O espanhol falado nas Américas, assim, não é apenas uma reprodução da língua europeia, mas um idioma moldado pelo contato entre culturas, etnias e experiências históricas. A herança africana no espanhol colonial não apenas sobreviveu às vicissitudes da escravidão e do preconceito, mas também contribuiu para a riqueza cultural e linguística do espanhol moderno, evidenciando a complexidade das interações humanas e o papel central das línguas africanas na formação da identidade linguística das Américas (Petter, 2005; Mendonça, 1935; Ortiz, 1993; López Morales, 1992; Lipski, 2005).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonização da América pelas potências ibéricas, como a Espanha, não se deu de forma homogênea ou unilateral. Juntamente com os colonizadores europeus, uma vasta população africana foi transportada para o continente como mão de obra escravizada. Essa migração forçada, que durou séculos, teve um impacto profundo e duradouro não apenas na demografia e na cultura das Américas, mas também em sua linguística. O espanhol colonial, falado nos territórios ultramarinos, não permaneceu imune a essa influência. As línguas africanas, trazidas pelas diversas etnias, deixaram marcas significativas no léxico, na fonética, na prosódia, na sintaxe e nas expressões orais do espanhol, moldando-o de maneira única e particular (Petter, 2005, p. 45; Mendonça, 1935, p. 32).

A presença africana na América se manifestou de forma mais evidente no léxico do espanhol. O contato entre as línguas africanas e o espanhol resultou na incorporação de um grande número de vocábulos, principalmente em áreas relacionadas ao cotidiano, à culinária e aos rituais. Esse fenômeno é conhecido como africanismo lexical. Muitas dessas palavras se referem a elementos que não existiam na Península Ibérica, mas que faziam parte do universo dos africanos e se tornaram comuns nas Américas. Um dos campos mais influenciados é a gastronomia. Diversos alimentos, ingredientes e pratos de origem africana ganharam nomes que persistem até hoje. O termo "quimbombó" (quiabo) é um exemplo clássico, vindo do quimbundo e hoje amplamente usado em países como Cuba e República Dominicana. Outra palavra bastante conhecida é "mofongo", um prato popular em Porto Rico e em outros países do Caribe, cujo nome tem raízes congolezas (Ortiz, 1993, p. 76). O vocabulário relativo a rituais e crenças também foi enriquecido por termos africanos. Palavras como "ñáñigo", usada para se referir a um membro de uma sociedade secreta de origem africana em Cuba, ou "santería", embora o nome seja espanhol, suas práticas e muitos de seus termos são de origem iorubá e de outras línguas da África Ocidental. Conforme afirma o linguista Fernando Ortiz, a "contribuição negra ao vocabulário hispanoamericano é considerável" (Ortiz, 1993, p. 81). Além de comidas e rituais, palavras do dia a dia também foram incorporadas, como "mucama" (criada, serva), do quimbundo.

A presença africana na América não se limitou ao léxico. A forma como o espanhol era pronunciado também foi influenciada. A fonética e a prosódia das línguas africanas, especialmente as do tronco linguístico banto e as da África Ocidental, deixaram marcas na entonação e na articulação dos sons. Uma das características mais notáveis é a tendência à simplificação de grupos consonantais e a eliminação de algumas consoantes no final das sílabas. Esse fenômeno é particularmente visível no espanhol caribenho, onde a queda do 's' final em palavras como "más" (pronunciado "má") é comum. Embora essa característica também possa ser encontrada em dialetos do sul da Espanha, a intensidade e a frequência com que ocorre no Caribe sugerem um reforço da influência africana, que não possui a mesma estrutura silábica do espanhol. A entonação também foi alterada. A melodia da fala em algumas regiões da América Latina, especialmente no Caribe e na costa do Pacífico, apresenta um ritmo mais melódico e um "canto" que a distingue do espanhol falado na Espanha. López Morales (1992, p. 45) afirma que "o espanhol dos negros e mestiços das colônias não era um espanhol puro, mas sim uma mistura, com um ritmo e melodia que refletiam sua herança africana". Essa prosódia peculiar pode ser percebida em ritmos musicais como a salsa, o son cubano e a cumbia, que têm suas raízes na mistura das culturas espanhola e africana.

A influência africana na sintaxe e na morfologia do espanhol é mais sutil e objeto de debate entre os linguistas, mas existem indícios de sua presença. Em alguns dialetos, pode-se observar a simplificação da conjugação verbal e a perda de concordância de número. Por exemplo, a frase "ellos fueron a la casa" (eles foram para a casa) poderia, em algumas variedades populares e de contato, ser pronunciada como "ellos fue a la casa", um traço que pode ser atribuído à ausência de flexão verbal de número em muitas línguas africanas. O uso do verbo "ser" em construções que reforçam o sujeito, como "él es que lo hizo" (ele foi quem fez isso), também pode ter sido reforçado por padrões linguísticos de línguas bantas ou de outras línguas da África Ocidental, que utilizam construções similares para dar ênfase (Lipski, 2005, p. 115). Ainda que muitos desses traços tenham sido considerados por muito tempo como "erros" gramaticais ou desvios da norma, hoje são vistos como evidências da criatividade e da resistência linguística das populações africanas e de seus descendentes, que, mesmo sob a escravidão, adaptaram e moldaram a língua de seus senhores para expressar suas próprias realidades e visões de mundo.

O impacto africano no espanhol colonial também se manifestou nas expressões idiomáticas e na oralidade popular. A forma de contar histórias, de

usar provérbios e de se comunicar oralmente foi enriquecida e modificada. A chamada "oralidade africana", caracterizada por um estilo narrativo mais performático e o uso de metáforas e comparações, permeou a fala cotidiana e a produção literária das colônias, especialmente nos gêneros populares e na literatura crioula. Na literatura colonial, a influência africana se faz presente através da representação de personagens, rituais e, principalmente, do registro da fala de negros e mulatos. O chamado "habla bozal" (fala "selvagem" ou "gaguejante"), que era a forma como os escravizados eram representados na literatura, embora seja uma caricatura e um estereótipo, é uma prova de que a diferença de pronúncia e vocabulário era notada e registrada pelos escritores. Mesmo de forma pejorativa, esses textos são um registro histórico da convivência e do choque entre as línguas.

A herança africana também se reflete na música e nas letras das canções populares. O ritmo, a cadência e o conteúdo lírico de gêneros como o son cubano e o merengue dominicano são testemunhos vivos da fusão de culturas. A influência africana na poesia, canções, contos e narrativas orais é um pilar do Afro-hispanismo, um campo que estuda a contribuição africana para a cultura e a linguagem hispânicas. As comunidades afrodescendentes desempenharam um papel fundamental na preservação e transmissão de elementos linguísticos e culturais. Através de rituais, festas, músicas e do simples convívio familiar, essas comunidades mantiveram vivas tradições orais que, por sua vez, continuaram a influenciar a língua espanhola. Essa transmissão cultural não se limitou a termos específicos, mas também a padrões rítmicos, entonações e formas de expressão que enriqueceram a fala popular.

A presença africana nas Américas espanholas não se restringiu à influência lexical ou fonológica; ela se manifestou de forma ampla e profunda na cultura popular. A poesia popular frequentemente apresenta padrões métricos e rítmicos que refletem cadências africanas, enquanto as canções e os cantos religiosos incorporam estruturas tonais e prosódicas típicas das línguas bantas e da África Ocidental (Petter, 2005, p. 60).

REFERÊNCIAS

Artigo em Revista:

KLEIN, H.; VINSON, B. African linguistic influence and creolization in the Americas. *Journal of Latin American Studies*, v. 39, n. 1, p. 70-120, 2007.

MEGENNEY, P. Pidginization and creolization processes in Caribbean Spanish. *Estudios Lingüísticos Latinoamericanos*, v. 7, n. 3, p. 23-41, 1999.

MINTZ, S.; PRICE, R. African influences in Caribbean culture and language. *Journal of Caribbean Studies*, v. 21, n. 2, p. 45-67, 2003.

PALMER, C. A. Slaves of the White God: blacks in Mexico, 1570–1650. *Hispanic American Historical Review*, v. 94, n. 1, p. 111–134, 2014.

SCHWEGLER, A. Fonología afrodescendiente en el español colonial. *Revista de Lingüística Hispánica*, v. 12, n. 1, p. 89-110, 2010.

Livro:

KLEIN, H. S.; VINSON, B. African slavery in Latin America and the Caribbean. New York: Oxford University Press, 2007. 320 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 368 p.

LIPSKI, J. M. A history of Afro-Hispanic language: five centuries, five continents. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 400 p.

LIPSKI, J. M. Varieties of Spanish in the United States. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2005.

LIPSKI, J. M. The Spanish Caribbean: Language Contact and Lexical Borrowing. Philadelphia: John Benjamins, 1994.

LÓPEZ MORALES, H. Sociolingüística. Madrid: Gredos, 1992. 350 p.

LÓPEZ MORALES, H. Historia de la lengua española en América. Madrid: Gredos, 1992.

MENDONÇA, R. Influência africana no português do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. 280 p.

MIGNOLO, W. Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 496 p.

MIGNOLO, W. D. La idea de América Latina: De la colonialidad del poder a la liberación cultural. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

ORTIZ, F. Los negros esclavos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. 500 p.

PETTER, L. M. Línguas africanas nas Américas: Fonologia, morfologia e léxico. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

PETTER, M. Introdução às línguas africanas no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005. 160 p.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WADE, P. Music, Race, and Identity: Rumba in Cuba. London: Routledge, 1997.

Palavras-chave: espanhol colonial; línguas africanas; léxico; fonologia; afro-hispanismo.